

NOTA DE PESQUISA

A REPRESENTAÇÃO DO JUDEU NO DISCURSO EUGÊNICO BRASILEIRO NO INÍCIO DO SÉCULO XX (1920-40).

Helena Ragusa¹

É certo que a presença dos judeus no Brasil data desde o período colonial. No entanto, é somente em meados do século XIX, mais precisamente no ano de 1875 que se dá a vinda das primeiras famílias judias no país.

Um dos motivos responsáveis pela vinda desses imigrantes foi a extração da borracha, atividade praticada no Norte do Brasil, a qual oferecia oportunidades de formação de colônias judaicas, incentivando a radicação dessas famílias na amazônica. Com o passar do tempo, essas colônias foram crescendo até que se espalharam definitivamente por todo o território nacional.

No início do século XX, na tentativa de fugir da miséria que assolava a Europa após a primeira grande guerra, os judeus começavam a chegar em território brasileiro convictos de que esses seria o país da tolerância religiosa e também de enriquecimento rápido. Nesse período o Brasil estava evoluindo muito principalmente no que se refere ao aspecto econômico, pois a rápida expansão do café, fez da economia brasileira um setor dominante, dando início a produções artesanais e fabris. Esses fatores favoreciam bastante para os estrangeiros que chegavam no país em busca de trabalho. De acordo com a autora Marionilde B. de Magalhães, o que teria motivado a vinda desses imigrantes foi “uma intensa propaganda motivada pelo interesse das elites nas regiões receptoras em

¹ Helena Ragusa é licenciada pelo curso de História da Universidade Estadual de Londrina tendo feito sua especialização na área de História Social pela UEL, onde desenvolveu sua monografia sob o título de **O judeu no pensamento racial do Brasil no final do século XIX e início do século XX.**

atrair novos contingentes populacionais para o incremento da produção agrícola, a ocupação efetiva do território e o suprimento da força de trabalho qualificada para as indústrias nascentes”².

Os judeus que eram provenientes do Leste Europeu, se instalaram em grande parte nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, tidos na época como os grandes centros urbanos do país. De fato essa classificação se encaixava perfeitamente pois, essas metrópoles estavam diretamente ligadas à indústrias e ao comércio. Devido ao fato dos judeus possuírem experiência no ramo - por terem vivido em cidades que também baseavam-se nessa economia - não parecem ter encontrado dificuldades em se adaptarem às atividades que aqui eram praticadas. Muitos desses judeus eram comerciantes, mas também haviam aqueles que se dedicavam ao setor de serviços, ao artesanato ou ainda ao trabalho fabril. Já os judeus que chegavam da Rússia se instalavam no Rio Grande do Sul. Por serem aptos à agricultura, logo se instalavam nas colônias agrícolas que eram fundadas pelas instituições de ajuda à esses imigrantes.

Até a década de 1930 o que se pensava no Brasil a respeito da imigração era que essa fosse um fator de contribuição para a formação racial e cultural da sociedade, especialmente se essa estivesse influenciada pelo ideal do branco europeu. Após esse período, essa forma de ver e de pensar o imigrante, transformou-se num discurso nacionalista e nativista, o que levou à criação de um lei que restringia a entrada de alguns estrangeiros no país, destacando-se o judeu. O intuito desse discurso estava em “preservar” a raça brasileira, e sendo assim no ano de 1934 foi elaborada uma lei que definia a estratégia de controle da imigração. A partir de então, o governo brasileiro passou a ter autoridade total sobre a entrada de imigrantes no Brasil, principalmente a dos judeus.

Podendo notar as mudanças de comportamento e atitudes em relação a presença do judeu na sociedade brasileira dos anos 30, pensamos que no que se refere à questão da formação de povo, “em cada época marcante de sua história a sociedade brasileira têm sido levada a pensar-se novamente. É como se ela se debruçasse sobre si mesma: curiosa, inquieta, atônita e imaginosa. Não só formulam novas interpretações como se renovam as anteriores”³.

No momento em que começa a se interessar por alguns trabalhos pouco convencionais, nota-se uma mudança na historiografia brasileira

² MAGALHÃES, Marionilde B. **Pangermanismo e Nazismo**. Campinas: UNICAMP, 1988, p. 19.

³ IANNI, Octávio. **A idéia de Brasil moderno**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 7.

que passa a olhar para esses estudos sob uma nova perspectiva. Ao serem publicados, esses trabalhos possibilitaram uma nova reflexão a respeito da identidade cultural brasileira motivando um certo grupo de historiadores que vinham demonstrando uma necessidade em se redescobrir o Brasil. Um exemplo, são os textos que trataram de compreender um período onde fosse possível acompanhar detalhadamente fatos como a chegada dos portugueses, o processo da mestiçagem e o começo do período republicano. Acontecimentos esses que marcaram uma reviravolta na História brasileira.

Na maioria desses estudos são utilizados depoimentos de pessoas daqueles que acompanharam e participaram da trajetória dos imigrantes. Além desse tipo de história oral, há o uso de fontes documentais, incluindo-se aqui os discursos e debates que foram realizados por intelectuais, membros de partidos políticos, críticos literários, enfim de todos aqueles que no período que segue de finais do século XIX até as primeiras décadas do século XX, almejavam superar o atraso econômico e cultural vigentes na sociedade em questão. Retoma-se o velho conceito de “civilização”, só que desta vez, englobando as teorias e a crítica cultural dos últimos anos do século XX.

Os trabalhos que incorporavam a história dos imigrantes no Brasil e a visão da sociedade sobre esses, vêm sendo estudadas por vários autores que desde o século XIX, se preocupavam com o futuro da Nação. Silvio Romero por exemplo, foi um dos intelectuais que - simpatizante das idéias nacionalistas que já na época se propagavam - queria encontrar uma identidade “autóctone” para a população brasileira. O autor rompe com a visão romântica e propõe que se faça a elaboração de estudos da cultura no Brasil, partindo das concepções evolucionistas e raciais construídas pelos europeus. Na esfera das teorias raciais européias que adentravam no país em meados do século XIX, a idéia do branqueamento racial teve um forte impacto na mentalidade social brasileira.

Voltados para as questões da formação racial, cultural e até religiosa do Brasil, esses historiadores se preocupavam em descobrir como a sociedade brasileira agia e pensava em relação à chegada dos imigrantes. O objetivo está em compreender os diversos comportamentos e a visão sobre esses “outro” que adentrava no território nacional. Segundo alguns autores, “há um conjunto de sentimentos e atitudes ambíguas em relação ao imigrante”⁴.

⁴ MAGALHÃES, 1988, p. 53.

Percebendo uma certa insuficiência de estudos que remontem a história da imigração judaica brasileira e os diversos aspectos e causas que trouxe consigo, sentimos uma necessidade de tentar compreender a trajetória dos imigrantes judeus no Brasil do século XX, mais especificamente os anos 20 e 30, identificando a representação do grupo na sociedade em questão e também nos discursos promovidos por uma determinada classe intelectual. Lembremos “que a representação é um instrumento do conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através da substituição por uma imagem capaz de o reconstruir em memória e de o figurar tal como ele é”⁵.

Salvo alguns autores como a historiadora Maria L. Tucci Carneiro, que dedicou-se a analisar o aspecto anti-semita da política brasileira durante os anos 30, e o estudioso Jeffrey Lesser que se dedica a fazer um trabalho semelhante, podemos dizer que ambos trouxeram a tona uma outra face de um Brasil até então desconhecido, desmistificando-se algumas características que até o momento para muitos pareciam inerentes a ele, como por exemplo a questão da democracia racial. Ambos os autores denunciaram o anti-semitismo no cenário político brasileiro fundamentando-o através de cartas, documentos oficiais e periódicos. Elementos como racismo e preconceito passaram a fazer parte da história política e social do Brasil.

Embora seguindo a mesma linha dos autores que se dedicaram e se dedicam ao estudo da questão judaica no Brasil, resolvemos debruçar nossos esforços um pouco mais além da problemática imigratória dos judeus no país, buscando analisar os discursos raciais e políticos que se deram no final do século XIX às primeiras décadas do século XX, tendo o judeu enquanto representação dos mesmos.

O discurso ao qual nos referimos é o discurso da eugenia considerado como um aspecto fundamental de alguns dos mais importantes movimentos sociais e culturais do século XX, especialmente porque para alguns países o ideal eugênico seria a solução para as políticas públicas que entre outras coisas, almejavam uma limpeza étnica.⁶

Uma dessas políticas que mais marcou o início do século XX, foi aquela baseada no discurso nacionalista alemão na era nazista, o qual apreciava os preceitos da eugenia tendo como objetivo maior, a seleção

⁵ CHARTIER, Roger. A História Cultural: entre práticas e representações, p. 20

⁶ DIKOTER, Frank. Cultura Racial: perspectivas recentes na história da eugenia. *The American Historical Review*. vol. 113, n. 02, April, 1998, p. 43.

natural e a pureza de sangue, tornando possível se chegar à uma sociedade composta de tipos etnicamente iguais.

Na Alemanha a partir de 1933, no período da 2ª Guerra Mundial, a eugenia passou do discurso à prática. Essa enquanto política oficial do Estado nazista, afetou diretamente na vida dos judeus e das minorias que não se encaixavam nos moldes do projeto que visava a “arianização” da raça no mundo.

Segundo a estudiosa Nancy Stepan, *The hour of Eugenics* (A hora da eugenia), a eugenia na América Latina não foi apenas uma cópia do discurso que se propagava na Europa mas uma forma original de apropriação cultural enquanto solução para sua própria dinâmica específica: “A eugenia nas Américas serviria como uma luva para o propósito de estratificação de classe, e ainda, para a incorporação de seu passado escravista, bem como para legitimar a simples eliminação dos povos indígenas”⁷.

No Brasil a repercussão do discurso foi significativa. Por ser um país de grande diversidade racial e economicamente atrasado, suas doutrinas foram apoiadas pelos intelectuais que se dedicavam à temática da imigração do judeu e de outras etnias. Pode-se notar também uma certa preocupação por parte das autoridades médicas em relação à mistura de raças no Brasil quando esses apoiavam as idéias que traziam tal discurso, o que parecia uma forma possível e moralmente aceitável de melhorar a hereditariedade da sociedade.

Na década de 20 do século XX, os cientistas brasileiros passaram a se dedicar a uma espécie de projeto de revitalização nacional a partir do uso que se fazia das premissas eugênicas. A idéia principal era criar um mestiço forte e saudável, e que se tornaria o tipo ideal devendo estar a salvo de qualquer interferência étnica que não pudesse contribuir para sua formação. Na cidade de São Paulo, uma entidade com os mesmos princípios eugênicos que contextualizavam a política de alguns países do Ocidente, passaram a influenciar as elites a pressionarem os poderes públicos contra a entrada de imigrantes de origem asiática, africana e judia no país.

Claro que devido a autonomia dos governos estaduais, não era possível que se tomassem medidas para colocar em prática aquilo que os intelectuais desejavam e escreviam a respeito da imigração no Brasil. Dessa forma, suas idéias, aspirações e a preocupação com a nacionalidade eram divulgadas apenas entre outros intelectuais que compartilhavam da mesma mentalidade.

⁷ MAGALHÃES, 1998, p. 69.

No entanto, dentro do contexto político e cultural do Brasil na década de 30, muitos discursos e debates foram realizados. Questões como por exemplo, as ações dos imigrantes enquanto uma ameaça à pátria; o perigo de uma possível desnacionalização; o atraso da economia brasileira e a necessidade de se formar uma sociedade forte e homogênea através da eliminação do “outro”, eram freqüentemente abordadas no interior dos discursos relativos à cultura e à política naquele momento. Decorre daí todo um campo simbólico, cujo suporte passava a ser mito da Nação, vista como portadora de interesses universais, em nome do que todos os demais interesses deveriam se subordinar⁸.

Nesse campo simbólico, vimos a importância de se compreender o papel que o judeu representa nos discursos promulgados nos anos 20, 30 e 40 do século XX, num momento onde grupos de intelectuais, da política e de uma certa parte da elite estavam resistindo a assimilação do judeu no Brasil, incentivando propagandas anti-semitas. Além disso, havia uma parcela significativa da classe média brasileira, a qual sentia-se ameaçada pelo grupo que adentrava ao país em grande proporção, justificando a provável falta de emprego que poderia ser gerada .

Na verdade, o que ocorria nesse período era a “chegada” das idéias que se propagavam na Europa a respeito do judeu, influenciando uma certa camada de intelectuais, da classe média e também de alguns funcionários do governo brasileiro, os quais possuíam tendências nacionalistas a respeito da formação étnica do país. Esses deram início a debates e discussões sobre a questão da imigração dos judeus para o Brasil.

A partir do que diziam tais grupos ou do que escreviam, notamos a existência de uma forte influência da perspectiva eugênica ao tratarem da questão judaica no país, especialmente na década de 30. Ao manterem suas tradições religiosas e culturais, os judeus eram acusados de uma possível tentativa de formação de guetos e de dissociação da Nação ameaçando a segurança do povo. Muitos jornais e rádios que divulgavam sua imagem associada ao comunismo, como ocorreu nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, possuíam tendências políticas que também influenciavam muito seu comportamento, como o nacionalismo exacerbado.

Já para os judeus, a imagem que esses possuíam de si mesmo era a da fácil integração, mesmo mantendo suas tradições e costumes. Para eles a intolerância não existia no Brasil e dessa forma não haveria razões para não se encaixarem na sociedade. De fato, num primeiro momento os judeus foram muito bem aceitos no século XIX, pois naquele período a

⁸ *Idem*, p. 68.

teoria do branqueamento estava inserida na intelectualidade brasileira, e portanto, ele seria “branco”, podendo contribuir com o projeto que havia de branquear a Nação.

Nos primeiros anos do século XX, pudemos perceber uma mudança nas atitudes da sociedade em relação ao judeu. Esse passou a ser visto de forma negativa e pessimista por muitos que desejavam naquele momento conservar o tipo étnico brasileiro melhorando-o.

É a partir desse discurso sobre a homogeneização e o melhoramento do tipo físico e moral do brasileiro que trataremos de verificar as diversas representações do judeu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Carneiro, Maria L. T. **O anti-semitismo na era Vargas (1930-1945)**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- CHARTIER, Roger. A História Cultural: entre práticas e representações.
- DIKOTER, Frank. Cultura Racial: perspectivas recentes na história da eugenia. **The American Historical Review**. vol. 113, n. 02, April, 1998.
- IANNI, Octávio. **Raças e classes sociais no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
- _____. **A idéia de Brasil moderno**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- LESSER, Jeffrey. **A Questão Judaica no Brasil. Diplomacia, Imigração e Preconceito**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- MAGALHÃES, Marionilde B. **Pangermanismo e Nazismo**. Campinas: UNICAMP, 1988.

RESUMO

**A Representação do Judeu no Discurso Eugênico Brasileiro
no Início do Século XX (1920-40).**

O artigo propõe estudar o judeu enquanto representação de um discurso que se instaura no Brasil a partir dos anos 20, mais especificamente na intelectualidade brasileira, e que influenciou diretamente na vida e na vinda de estrangeiros ao país.

PALAVRAS-CHAVES: Judeu; eugenia; representação; nacionalismo; imigração.

ABSTRACT

The Jew Representation on Brazilian Discourse Eugenic at the Beginning of the XX Century (1920-1940)

The article proposes the study of the jews, as the representation of a discourse established in Brazil at the beginning of the 1920 is more specifically among the Brazilian intellectuals, thus have a direct influence on the life and the coming of the foreigners to the country.

KEY-WORDS: Jew; eugenics; representation; nationalism; immigration.